

América Latina em Metalinguagem¹

Rodrigo GABRIOTI²

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Um estudo de caso sobre as pesquisas em comunicação envolvendo a América Latina como tema principal é a proposta deste artigo. Apresentamos um breve histórico sobre o continente marcado pela pluralidade e que projeta um campo próprio para os estudos comunicacionais com a Escola Latino-Americana de Comunicação em busca de reconhecimento pelos pares. Nosso escopo se forma de pesquisas fomentadas pela FAPESP e também do Grupo de Pesquisa Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina, criado há 6 anos, na INTERCOM. Nossa Unidade de Análise é a América Latina como tema de pesquisa ao passo que a expressão latino-americana se qualifica como subunidade de análise. Há muito a avançar ainda e isto nos parece que cabe ao Grupo de Pesquisa se seus integrantes assumirem os mesmos pressupostos de uma comunidade: interação, reciprocidade e participação.

Palavras-chave: América Latina; FAPESP; GP Mídias, Culturas e Tecnologias Digitais; INTERCOM.

A discussão deste artigo tem como objetivo principal tratar a América Latina e o olhar que os estudos em Comunicação têm dado a essa parte do mundo de característica tão peculiar. Não se trata de homogeneidade, entretanto, falar dos latino-americanos, sua cultura, seus modos e outras dimensões correspondem à compreensão de um espaço do mundo onde a diversidade é o mote para tratar da pluralidade. Definir América Latina significa pensar em culturas, povos, idiomas, dialetos, mitos, diferenças, entre outras condições. Isto talvez se explique por sua formação híbrida demarcada pela exploração europeia e anos depois pela intervenção norte-americana, sobretudo, nos rumos econômicos dos países desse eixo do continente americano que foi em busca de sua “libertação”. Talvez se explique também por sua grandeza territorial onde a unidade é mais difícil de ser obtida. São mais de 21 milhões de quilômetros quadrados se estendendo do México à Terra do Fogo. Segundo um suplemento especial do jornal argentino Clarín, essa noção de América Latina surge pelo chileno Francisco Bilbao Barquín, que em 1856, faz essa definição que ganhou respaldo dos

¹ Trabalho apresentado no GP Mídias, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), email: rgabrioti@hotmail.com.

franceses durante a invasão de Napoleón III ao México. Fondebrider (2011, p. 9) escreve que “[...] *es posible que la idea resulte más rica si se la considera a la luz de grandes fenómenos políticos, sociales y culturales con distintas realizaciones regionales, según la historia y la tradición de cada lugar*”.

Definitivamente antes de adentrarmos as questões dos estudos de comunicação especificamente sobre América Latina, se faz necessário, contextualizá-la, principalmente por se tratar como relata Gasio (2011) de um Novo Mundo, o continente da esperança que seria uma contraposição à Europa. É riquíssimo o repertório pelo qual podemos contar a participação latino-americana. Seja na literatura, no teatro, no cinema, nas artes, na política, temas não faltam para se aprofundar nessa região do mundo formada por 20 países. Para não trabalhar sobre um eixo específico, neste momento, optamos por uma explanação mais didática com o apoio bibliográfico de Halperin Donghi (1975) para descortinar essa formação da América Latina.

Aqui despertou os interesses dos conquistadores pela busca do ouro e da prata. Grandes expedições partiam com a ideia de organizar as Índias nas terras de conquistas – do México ao Alto Peru – que se tornaram o altiplano onde o Império Espanhol se manteve por dois séculos. O interesse dos europeus se contrastava com o trabalho dos indígenas. Essa relação gerou um modelo de vida senhorial marcado por opulência e miséria. O México, embora não se desenvolvesse plenamente, era a região mais povoada e mais rica, logo, a mais significativa para os dominadores. Os índios eram contrabandeavam gado da pecuária brasileira e intermediavam entre as terras espanholas e portuguesas.

No campo econômico, as desigualdades sociais entre castas de ricos e um oceano de plebes já existiam no século XVI. Dentro desse cenário, é possível observar, segundo o autor, que a colonização foi estratégica. Do ponto de vista cultural, foi significativa a contribuição dos jesuítas. O Brasil agrícola se destacava do restante da América Latina por rápidas transformações, principalmente, pelas explorações da metrópole ao largo de todo país. E por aqui, existia a escravidão.

O século XIX é o da Independência latino-americana das Coroas Espanhola e Portuguesa. Foi um período de rápida desagregação. O poder da Espanha se desfortalece em 1810 diante da ruína da metrópole frente às revoluções que eclodem da Cidade do México a Buenos Aires. Eram lutas pacíficas contra o *cabildo*, instituição que resistiu com dificuldade ao progresso dos Magistrados – delegados da Coroa das Índias – e que se renovaram para representar parcialmente as populações urbanas. Foram vários os nomes a frente dos movimentos, mas se destacam San Martín e Bolívar. O primeiro partiu das bases que abasteciam as províncias do Rio da Prata e o segundo nem possuía base no continente. Entretanto a independência trouxe dificuldades para o equilíbrio interno dos países latino-americanos. A conjuntura era desfavorável e o processo de reconstituição, lento. A situação era melhor para os países da América Latina voltados ao Oceano Pacífico. A eles, foi mais fácil exportar produtos.

Se os europeus por aqui estiveram, num primeiro momento, para explorar riquezas, mais tarde, outros europeus para cá vieram. Eram aqueles que vieram tentar fazer a vida por aqui. Por outro lado, já fora da dominação, as metrópoles queriam cobrar os latino-americanos por dívidas, mas a intervenção europeia encontrava mais resistência na América do Norte, uma vez que os Estados Unidos apostavam na Doutrina Monroe para impor seu regime de trabalho entre os latinos. Na verdade, era outro tipo de colonização ao analisarmos tal passagem de Donghi (1975, p. 205):

[...] a vocação pedagógica dos Estados Unidos transforma-se num mecanismo de dominação e identifica-se com o compromisso para impor uma imagem das relações entre os Estados Unidos e suas áreas de influência que reflita indubitavelmente tradições ideológicas preciosas; e tem como consequência prática – uma vez aceita nos países dominados – tornar inconcebível a ruptura dos vínculos de submissão.

A intervenção norte-americana se deu justamente em zonas onde havia forte influência das economias das metrópoles. Tal estratégia era para eliminar rapidamente os vínculos com a Europa em função dos interesses dos EUA. O Caribe e a América Central eram as regiões preferidas militarmente. Donghi (1975) relata que os países voltados ao Pacífico se colocaram completamente na órbita dos EUA enquanto Brasil, Uruguai e Argentina sofreram penetração norte-americana. A crise de 29 interrompeu o desenvolvimento

econômico na América Latina cujas sociedades desejavam participação na esfera política e melhorias para si como estrato social. Economicamente, a reação foi vagarosa com aposta no mercado de exportação. Donghi critica que não houve um novo modo de integração do continente. Sem vias de saída e com as inúteis tentativas de retornar ao passado, o autor considera que a América Latina gastou seus últimos 30 anos de história.

Foi preciso da Segunda Guerra Mundial para despertar por aqui a industrialização. Desenvolveu-se a ideia norte-americana pelo continente. Estar junto dos EUA, ao contrário da Europa, representava a entrega a um domínio ideológico de Tio Sam. Outro fator de muita influência foi a Ditadura Militar que se alargou por toda a América Latina. Entretanto um evento significativo foi a Revolução Cubana que, ao implantar o Socialismo, rompe com os EUA que se amedrontaram com a ideia de que a nova ordem política pegasse continente adentro, em especial, porque esse movimento representou reformulação das lutas políticas e sociais de cada Estado latino-americano. A dependência norte-americana continuou. Exceção se faz também à Venezuela. Recentemente EUA e Cuba voltaram a se aproximar, mas os governos de esquerda que dominam a América Latina na contemporaneidade dão um novo alento à extrema dependência norte-americana embora, na maioria das vezes, paguem seus preços por isso.

Um Campo Próprio para a Comunicação?

Tratar de comunicação, na América Latina, é porque não, ao mesmo tempo, tenso e denso. Se a abordagem for pelos meios de comunicação, por exemplo, como não abordarmos as questões da comunicação pública governamental e a luta contra a censura? Porém o que nos interessa, neste artigo, é falar da comunicação como campo de conhecimento, na linha da teoria dos campos, de Bourdieu. Ambas as projeções nos fazem refletir que até nisso a comunicação, na América Latina, tem uma pluralidade. Do ponto de vista dos meios, temos as formas autoritárias do sistema comunicacional da Venezuela ou a *Ley de Medios*, polêmica na Argentina por querer a diminuição da concentração midiática. Também no tocante a campo de conhecimento, há inúmeras correntes temáticas nas quais autores têm se debruçado para formar a pretendida Escola Latino-Americana de Comunicação (ELACOM). Para esse ideal de campo de conhecimento, Morais (2014) destaca que discutir

comunicação, na América Latina, não se desvincula das culturas resultantes da mistura de raças e dos nossos primeiros colonizadores além dos efeitos da Guerra Fria e das ditaduras treinadas e apoiadas pelos EUA, com exceção de Cuba. Diz Morais (2014, p. 3):

Sem esse conhecimento histórico seria impossível discutir e pensar a Comunicação nos países latinos que é fruto histórico desse processo colonizador. Ela foi sistemicamente implantada com orientação norte-americana, surgindo desse processo os conglomerados comunicacionais e juntamente com eles políticas que direcionaram os países aos interesses específicos comerciais, econômicos e culturais dos EUA.

A dependência da América Latina, em tantos cenários, não é diferente na questão da comunicação, haja vista, que nossas práticas ainda se enquadram, para devido reconhecimento científico, nas teorias consagradas resultantes do paradigma norte-americano. A apregoada libertação teórica tem seus aportes iniciais, nos anos 60 e 70, com a origem do CIESPAL e o trabalho de Jorge Fernández, intelectual que dirigiu o organismo estabelecido pela UNESCO, em Quito, a capital do Equador. Seu vanguardismo vai ao encontro do pensamento econômico do argentino Raul Prebisch. Conjuntamente realizaram, no Chile, uma reunião de especialistas sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação na América Latina. O evento teve as participações dos pensadores da comunicação, Wilbur Schramm e Fernand Terrou. Toda a gênese do pensamento latino-americano se relacionou ao Jornalismo pelo fato de que essa frente comunicativa se estabelece como elo entre os acontecimentos e a comunidade, em suma, um espelho da história. Em seu inventário, Marques de Melo (2014) recorda que Fernández destacava a falta de engajamento na pesquisa científica em comunicação, praticamente inexistente no âmbito latino-americano. Esse diagnóstico foi tema de um seminário, em 1966. Coube a Gonzalo Córdova, sucessor de Fernández, estimular a superação da dependência teórica, em especial, com novos rumos a um pensamento autóctone.

Defender a ideia de uma Escola Latino-Americana da Comunicação não tem sido tarefa das mais fáceis. O respaldo teórico para isso vem de algumas contribuições. O professor José Marques de Melo (2001) atribui esse levante à inspiração da Teoria da Dependência e da Teologia da Libertação. Os anos 70 são o início de estudos sobre fenômenos comunicacionais latino-americanos. Grupos pioneiros, inovadores e renovadores foram categorizados nessas questões. O que se atribui à ELACOM é a prática do hibridismo e da

mestiçagem latino-americanos como resposta à síndrome do colonizado. Um dos marcos referenciais nesse engajamento é Luís Ramiro Beltrán que simplifica a comunicação em processo humano que envolve diálogo, participação e acesso igualitário. Ele vai aplicar isso às realidades latino-americanas em função de interesses, necessidades e identidades culturais. Sua pesquisa rompe e questiona a validade dos conceitos e métodos de pesquisa norte-americanos.

É central para tal perspectiva o pensamento de mediação, de Jesús Martín-Barbero cuja pesquisa envolve a articulação das práticas comunicacionais pelos sujeitos. Contexto cultural, processos sociais, matrizes culturais, gêneros, mestiçagem e o uso de espaços e objetos passam a ser relevantes. São o popular, a cultura e o cotidiano como valores para os estudos de comunicação. Temas como dependência cultural, cultura, consumo cultural, identidade cultural, mestiçagem, mediações e recepção vão ganhando escopo e formulações teóricas e empíricas. Nomes como os de Néstor García Canclini, Valério Fuenzalida, Guillermo O’Rozco, entre outros, surgem no cenário latino-americano. O protagonismo latino-americano, segundo Berger e Schwaab (2014), está na denúncia da dominação cultural. Segundo eles (2014, p. 201):

[...] o histórico de submissão impulsionou inclusive a própria Escola Latino-Americana, ao tomar corpo, para que abandonasse teorias sobre comunicação produzidas em contextos europeus e norte-americanos, buscando motes próprios, calcados em pensamentos de reestruturação da sociedade por meio de projetos regionais de democratização da informação.

Mas defender esses pressupostos, ainda que embasados bibliograficamente, é um desafio devido à resistência encontrada. Neste mesmo ano de 2015, tivemos uma experiência nesse sentido, durante apresentação de um artigo que tratou do fomento como bem cultural aplicando a isso os aportes latino-americanos e os estudos culturais ingleses no IBERCOM, realizado na Escola de Comunicações e Artes da USP. Fomos durante os debates da sessão na qual apresentamos refutados pelo renomado pesquisador português Paulo Serra, sobre a validação do pensamento latino-americano. Ele questiona esse modelo associado à cultura por considerar que esta também tem diferenciais em outras regiões do mundo, o que não seria justificativa suficientemente plausível para um pressuposto teórico. Aliás, ele

descreveu como funções da teoria a descrição, a previsão e a descoberta de novos conhecimentos numa perspectiva holística.

Se Barbero concebe os meios de comunicação como produtores sociais que propiciam a interação das mediações humanas, conflitos simbólicos e interesses políticos e econômicos; se Canclini trata o consumo como processos socioculturais demarcados por trabalho e expansão do capital, apropriação do produto social, diferenciação social, sistema de integração e comunicação; se Fuenzalida entende a influência grupal como algo sumariamente importante na construção do sentido que as pessoas atribuem à mensagem; se Orozco aborda as multimediasções diante da exposição dos indivíduos às mensagens; se Jorge González pensa a Hegemonia como um “*momentum*” das relações em um determinado espaço social onde se criam e recriam as formas simbólicas de toda relação social, os latino-americanos não estão descrevendo, prevendo e descobrindo novos conhecimentos? Logo, estão teorizando, sim! Com isso, emerge mais uma questão de reconhecimento e não de denegação de produção teórica. Como diz Morais (2014), a solidão a qual estamos expostos na América Latina, de extremas contradições, faz parte das experiências acumuladas ao longo de séculos e que não deveriam ser prescindidas pela comunicação em busca de uma teoria latino-americana própria e particular.

Produções Latino-Americanas: Um Estudo de Caso

Mapear produções sobre a América Latina para ilustrar sua importância no escopo da pesquisa científica é a principal proposta deste artigo. Para isso, trazemos duas coletas empíricas de dados para satisfazer tal perspectiva. As informações foram recolhidas nos Anais dos Congressos Nacionais da INTERCOM, em seu Grupo de Pesquisa “Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina” e também na Biblioteca Virtual da FAPESP, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Tal método de trabalho nos incitou para que isso se transformasse em um estudo de caso.

Como define Yin (2001, p. 20), “[...] um estudo de caso não precisa conter uma interpretação completa ou acurada; em vez disso, seu propósito é estabelecer uma estrutura de discussão e debate [...]”. Tal princípio reforça nossa intenção de debater essa questão da produção de estudos em comunicação que se ocupem de tratar a América Latina como um todo e não experiências particulares inseridas aleatoriamente na questão continental. Nossa ideia, por exemplo, é que se estude um tema comum, como por exemplo, a censura e não apenas o consumo de redes sociais entre jovens do México. Com isso, trazemos um dos pressupostos do estudo de caso que é considerar a vida real e uma visão holística e significativa a partir de determinados eventos.

A coleta de dados se restringiu a pesquisar na Biblioteca Virtual da FAPESP, por meio de dispositivo de busca, todos os projetos fomentados na área da comunicação que tinham o termo “América Latina” em seus títulos independentemente do modelo de financiamento. Em relação ao GP da INTERCOM, consultamos com o mesmo método, os anais dos Congressos Nacionais da Sociedade Brasileira para os Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Mediante os dados, encontramos respaldo teórico de Yin (2001) no estudo de caso único com a finalidade de que ele sirva a um propósito revelador. Neste artigo, é desvendar o quanto pesquisadores realmente se interessam e se preocupam em pensar seus problemas de pesquisa sobre a América Latina. Para chegar a isso, foi preciso definir uma unidade de análise que envolva o tema e suas questões de interesse. Poderiam ser acrescentadas subunidades de análise, o que consideramos pertinente em face do surgimento do termo “latino-americano”.

A FAPESP é uma agência de fomento consolidada e respeitada não apenas no território paulista, mas em todo Brasil, América Latina, Europa e EUA. O primeiro ano de funcionamento foi 1962. E já houve grande adesão da comunidade científica na solicitação de apoios. Duas décadas depois de sua fundação, a FAPESP criou em março de 1981, coordenações de áreas para flexibilizar e agilizar o atendimento às solicitações de bolsas e auxílios financeiros a pesquisas. Conforme já exposto, pesquisamos na Biblioteca Virtual, por América Latina como palavra-chave e tivemos 15 resultados. Os dados da Biblioteca Virtual da FAPESP são transferidos dos processos pelo sistema Ágilis e constam no sistema desde 1992. Um terço desse total, ou seja, cinco projetos foram excluídos da análise porque

não citavam, em momento algum América Latina ou latino-americano no título. Os outros 10 se apresentam nessa condição e tratamos deles a seguir.

Em relação à Unidade de Análise “América Latina” citada no título, o auxílio regular concedido à pesquisadora Maria Nazareth Ferreira, da ECA/USP, entre setembro de 1994 e fevereiro de 1995, propiciou uma investigação sobre a interferência midiática latino-americana nos aspectos políticos, econômicos e sociais do continente para verificar a (des) integração e (des) informação dos povos da região. Foram fornecidos elementos empíricos para a análise que buscou a tecnologia como fator agregador. Aparecem também nessa linha, mas na modalidade bolsa de Iniciação Científica, os fomentos a Alessandra Beatriz Martins, Rodrigo Kopke Salinas e Toni Alexandre Sciaretta, orientandos do pesquisador Bernardo Kucinski, da ECA/USP, entre junho e julho de 1994, sobre rebeliões e crise de estado na América Latina. Sobre Iniciação Científica, não há muitos detalhes. Além disso, não é tão fundamental para o escopo uma vez que nem todos os estudantes que optam pela Iniciação, na Graduação, seguem adiante na carreira acadêmica. Fazem parte ainda dessa Unidade de Análise, mais quatro pesquisas resultantes da busca na Biblioteca Virtual da FAPESP. O pesquisador Milton Pelegrini foi professor visitante na *Universidad Austral de Chile* para trabalhar o jornalismo contra hegemônico na América Latina. Desenvolveu, entre julho e agosto de 2013, um projeto temático sobre isso a partir das produções editoriais de jornais e jornalistas do continente. Cristiane Kämpf, da UNICAMP, estudou a divulgação científica do tratamento e regulação de dados pessoais na América Latina, pelo Programa Jornalismo Científico da FAPESP, entre julho de 2011 e junho de 2013. A abordagem tratou da Rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância e a finalidade foi encontrar soluções para problemas econômicos ambientais e sociais a partir das relações entre Ciência e Tecnologia a partir de experiência do Brasil e do México. Já Mariana Carrion Teodoro, da UNESP Bauru, conseguiu bolsa de Iniciação Científica para pesquisar de dezembro de 2014 até o fim deste ano o Hallyu, um movimento da cultura sul-coreana que se divulga por meio de filmes, melodramas e músicas. Como isso se imbrica com a América Latina em termos de fãs e poder, teoricamente já identificamos a pesquisa em diálogo com a noção de Hibridização, de Nestor Garcia Canclini. E para fechar essa Unidade de Análise, há a bolsa de estágio de pesquisa em Mestrado no exterior de Vitor Vilaverde Dias, da UFSCAR. Entre janeiro e abril de 2014, ele trabalhou os aspectos criativos na filmografia da América Latina. A partir do roteiro do filme “Os Famosos”,

buscou outras produções, em especial, argentinas e mexicanas que estabeleciam alguma relação com a produção inicial em questão.

Na identificação da subunidade, no caso, o aparecimento da menção “latino-americano” no tema do projeto, entre fevereiro de 1997 e janeiro de 1999, o pesquisador Ismar de Oliveira Soares, da ECA/USP, foi beneficiado com auxílio à pesquisa regular com um projeto que discutiu a relação entre comunicação e educação no âmbito da cultura latino-americana. Ao traçar um perfil dos pesquisadores da área, ele tratou de uma questão comum à América Latina em um inventário crítico cujos resultados tinham o compromisso de serem divulgados em eventos acadêmicos. O pesquisador Laan Mendes de Barros, entre novembro de 2007 e julho de 2008, pela Faculdade Cásper Líbero tratou dos meios de comunicação e as mediações culturais comparando os pensamentos francês e latino-americano. Na verdade, ele propôs uma explanação de Comunicação e Cultura, referendadas por Novas Tecnologias, capazes de colocar em xeque a identidade em função da desterritorialização.

Colocados os dados da FAPESP, passamos agora a verificar o que foi elaborado no GP “Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina”. Criado em 2009 para o Congresso Nacional da Intercom, em Curitiba, o Grupo tem atualmente a liderança das professoras Maria Ataíde Malcher (UFPA) e Jane Marques (USP). Um grupo de pesquisa é como uma comunidade. Requer Participação, Interação e Reciprocidade. Viver em comunidade leva a um espírito comum do qual Paiva (2003) coloca a comunhão e a partilha como premissas. A autora destaca que a vida em comunidade não é distante do real, por isso, construir essa realidade parte da noção de primordialmente atender o imaginário do grupo, ou seja, o real em função das necessidades comunitárias.

Isso logo remonta o que se espera então de um grupo de pesquisa. Por definição, o específico que trata a América Latina, no espaço da Intercom, se propõe a estudar a mídia e as diferentes interconexões com a cultura e com as tecnologias digitais discutindo questões e as interfaces com meios de comunicação tradicionais e novos no contexto da sociedade da informação; propostas metodológicas para uma aproximação com os estudos das comunidades virtuais que utilizam as tecnologias digitais para a informação, educação; entretenimento, difusão cultural e para a criação de novos espaços públicos da comunicação confluindo para a formação de uma identidade cultural midiática; educação mediada por

tecnologias digitais; produções em cultural popular mediadas pelas tecnologias digitais; diversidade étnico-cultural; juventude; produção de conteúdos midiáticos mediados por tecnologias digitais, entre outros.

Em 6 anos de atividades, segundo Malcher e Marques (2014), já foram apresentados 172 trabalhos no GP que conta com 192 pesquisadores e já passou por Curitiba, Caxias do Sul, Recife, Fortaleza, Manaus e Foz do Iguaçu. Isso dá uma média de 28,7 trabalhos por ano. A maioria dos apresentadores foi de mestrandos (57 no total). De todos os trabalhos, 48 tiveram a expressão América Latina como uma das palavras-chave. Até aqui, o diagnóstico da coordenadora e da vice-coordenadora para o Grupo foi de que houve apresentação de trabalhos de diferentes instituições brasileiras e latino-americanas com pesquisadores vinculados a instituições do continente. Nota-se também a permanência dos integrantes nesses 6 anos de atividades com destaque para a participação de pesquisadores em formação. Fazem parte dos planos do GP o fortalecimento de atividades e projetos de pesquisa conjuntos, a viabilização de publicações, o levantamento de pesquisas sobre América Latina no Brasil e o fomento do tema América Latina nos trabalhos. Mediante isso, nossa proposta de estudo de caso único tem a intenção de colaborar também com esse fortalecimento do grupo que discute a América Latina. Para isso, seguimos o método da expressão América Latina como unidade de análise e a variação latino-americana como subunidade. Detalharemos isso ano a ano.

Em 2009, na primeira edição de trabalho do grupo, durante o Intercom Curitiba, dos 31 trabalhos inscritos, 3 trouxeram a América Latina como tema. Dois deles de São Paulo e um do Rio Grande do Norte. Os temas abordados foram o Jornalismo Digital Alternativo, o Ensaísmo Cultural e o Jornalismo Cidadão. Na subunidade “latino-americano”, a expressão aparece em um trabalho paulista que tratou da Comunicação e da Cultura pelo viés da tecnologia.

Passamos para 2010, em Caxias do Sul, quando foram apresentados 35 trabalhos. Dois apenas abordaram América Latina no título. Ambos paulistas. As temáticas versaram sobre a política de comunicação da Igreja Católica e os estereótipos midiáticos na América Latina. Em relação à subunidade, o termo “latino-americano” aparece em dois artigos,

também de São Paulo, que trataram de CiberArte e da bibliografia latino-americana adotada nas disciplinas Teorias da Comunicação ou Fundamentos da Comunicação.

Do Sul do país, o grupo subiu para o Nordeste. Em Recife, 2011, 26 autores enviaram artigos. Dois deles expunham a América Latina, no título, com temas sobre o culturalismo e a imprensa alternativa contra hegemônica no continente.

Em 2012, o GP esteve em Fortaleza com 32 trabalhos. Denota-se mais ligação com a América Latina em 8 trabalhos cujos autores eram de São Paulo, Paraná, Paraíba e Rio Grande do Sul. Em termos de Unidades de Análise, as abordagens sobre América Latina foram em relação à ilustração, cidadania, identidades midiáticas e rádio. Já a subunidade demonstrou o aparecimento do termo “latino-americano” em 4 trabalhos que trataram do vídeo como expressão tecnocultural, o Ginga da Televisão Digital, CiberArte e identidades midiáticas.

Mais ao Norte, em Manaus, durante o ano de 2013, 24 trabalhos foram aprovados e somente dois, sendo um de unidade e outro de subunidade de análise, foram apresentados. O que citou a América Latina, no título, abordou a experiência da TV Pública Digital em famílias de baixa renda. O tratamento dado ao “latino-americano” foi em um artigo sobre o perfil dos jornalistas do continente nas redes sociais.

No último encontro do GP, em Foz do Iguaçu, em 2014, também foram 24 trabalhos e 4 exclusivamente dedicados ao aparecimento da América Latina já no título. Dois eram pesquisadores de São Paulo, um de Minas Gerais e outro do Paraná. Como temas pesquisados, a epistemologia da comunicação por meio da trajetória cultural da América Latina, o Global ITV que envolve um intercâmbio de experiências com a Europa, as identidades latino-americanas construídas pelos Turismo e o campo da comunicação latino-americano.

Com esses dados, podemos dizer que os encontros de Fortaleza (2012) e Foz do Iguaçu (2014) foram os que a América Latina mais apareceu nos títulos dos trabalhos aprovados e apresentados. Há uma variação, ao longo dos últimos 6 anos, em termos de participação, entretanto, o maior percentual de abordagens da América Latina, nos títulos, foi no ano passado com 16% dos trabalhos do grupo.

Considerações Finais

Fazer um estudo de caso sobre a América Latina, nos estudos de comunicação, é assumir um risco de generalização, pois, podemos encontrar ao longo da coleta, dados convenientes aos objetivos de pesquisa. Isto é possível perceber pelo levantamento feito no repositório da Biblioteca Virtual da FAPESP. Sabemos que se trata de uma instituição polifônica, ou seja, a pesquisa temática sobre América Latina é incipiente no sentido de se construir um *corpus* específico sobre a temática. Uma agência de fomento é mais abrangente. As modalidades de apoio são diversas e a presença da América Latina, nesse exemplo particular, é decorrência de pesquisadores que recorrem ao apoio financeiro para suas pesquisas. E nisso, coincide ou não de haver algum projeto que trata especificamente de uma condição latino-americana. Curiosamente pelos períodos de benefícios concedidos, nota-se algo crescente nos anos 90. Destacariamos esse motivo em torno da globalização que passara a ser tão discutida e adotada em tal época que também assistiu à implementação do Mercosul, o Bloco Econômico dos países latino-americanos a começar por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai que assinaram o Tratado de Assunção.

Estabelecer as unidades e subunidades de análise foi interessante do ponto de vista que pudemos organizar o pensamento como um todo das experiências latino-americanas. Construímos duas vertentes para saber o que realmente se pesquisa por aqui. Isto ajudou muito mais na identificação dos artigos apresentados ao grupo de pesquisa da INTERCOM dedicado exclusivamente ao estudo sobre América Latina. O alerta das dirigentes do GP, no último encontro da “comunidade científica”, em Foz do Iguaçu, se concretiza por meio da conclusão que chegamos, pelo levantamento de dados, de que a América Latina ainda não é pensada exclusivamente como um todo, isto é, integrada. Existem trabalhos que evidenciam práticas latinas sem necessariamente se enquadrarem num contexto maior. Os temas são

recorrentes e pertinentes, mas ainda visualizamos um esforço muito grande, inclusive como integrantes desse GP, em fechar ainda mais nossa atividade de pesquisa em direção à América Latina. E o desafio que colocamos para que isto se torne costumeiro e real é: por que não pensar a prática comunicativa e cultural latino-americana pelos pressupostos da bibliografia própria do continente para fortalecer nosso pensamento comunicacional? Se almejamos isso e muito mais, precisamos, inculcar a ideia de cada um desses 192 pesquisadores e outros tantos que vierem a assumir o espírito comunitário para que façamos da nossa rotina de pesquisa um exercício constante de participação, interação e reciprocidade sem que isto se tente apenas nos encontros anuais da INTERCOM. E mais: a volta à gênese do pensamento comunicacional latino-americano que Luís Ramiro Beltrán também traçou passando por uma comunicação que envolva o diálogo, a participação e o acesso igualitário. Então, a partir deste encontro no Rio de Janeiro, mãos à obra!

Referências

BERGER, Chirsta; SCHWAAB, Reges. (2014). Escola Latino-Americana de Comunicação. In: CITELLI, A...[et al.]. **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto.

DONGHI, Halperin. História da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FONDEBRIDER, Jorge. *Latinoamérica y sus Culturas*. **Clarín**. Buenos Aires, Argentina, 1 out. 2011. Revista de Cultura. p. 8-9.

FUNDAÇÃO de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Disponível em: www.fapesp.br. Acesso em: 20 jun. 2015.

GASIO, Guillermo. *La forja de um ideal*. **Clarín**. Buenos Aires, Argentina, 1 out. 2011. Revista de Cultura. p. 10-11.

LEÓN DUARTE, Gustavo. (2001). Teorías e Investigación de la Comunicación em América latina. Situación Actual. **Ámbitos**, Sevilla, Espanha, n. 7-8, p. 19-47.

LEÓN DUARTE, Gustavo. Escola Latino-Americana de Comunicação. A Nova Hegemonia. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

MALCHER, Maria Ataíde; MARQUES, Jane A. **Apresentação sobre Evolução do GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina**. Foz do Iguaçu, PR: Unicentro; Intercom, 2014. 10 slides: color.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; DOS SANTOS, Marli. Contribuições brasileiras ao pensamento comunicacional latino-americano. Décio Pignatari, Muniz Sodré e Sérgio Capparelli. São Bernardo do Campo, SP: UNESCO-UMESP. IV CELACOM, pp. 9-126.

MARQUES DE MELO, José. Teoria e metodologia da comunicação: Tendências do século XXI. São Paulo: Paulus, 2014.

MORAIS, Osvando J. de. A Produção de Novas Teorias: Crítica (In)Voluntária mas indispensável à Servidão Voluntária do Pensamento Comunicacional da América Latina e de sua Trajetória Histórico-Intelectual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37, 2014, Foz do Iguaçu, PR. **Anais**. p. 1-12.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum** – Comunidade, Mídia e Globalismo. Mauad: Rio de Janeiro, 2002.

SOCIEDADE Brasileira para os Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). Disponível em: www.intercom.org.br. Acesso em: 23 jun. 2015.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.